

PAULO MARKUN \* 6 NOV 1991

Sexta-feira, 13. Mais precisamente, sexta-feira, 13 de setembro de 1991. A historiadora Rosa Artigas ouviu alguns ruídos estranhos, vindos do teatro da Oficina Cultural do Brás, que ela dirige. Vai ver o que é e encontra um macaco se balançando nas gambiarras, ameaçando refletores e instalações elétricas. Rosa Artigas é a favor do meio ambiente e dos animais silvestres, mas isso não faz com que ela considere uma oficina cultural o melhor lugar para um macaco viver. Chama o bicho, mas ele não tem a mesma opinião e parece disposto a se instalar ali definitivamente.



A diretora da Oficina Cultural resolve, então, apelar para a velha carrocinha, que tem hoje um nome menos banal. Em vão. Um funcionário explica que eles cuidam só de cães e gatos vadios e sem registro. Sugere que ela ligue para o Centro de Controle de Zoonoses.

O Centro reconhece: deveria resolver o problema, mas não tem viatura adequada. Seus funcionários já recolheram até uma vaca que perambulava pela Avenida 23 de Maio, mas ela ficou quietinha na carroceria de um caminhão aberto e o macaco não vai aceitar tal meio de transporte. Por que a diretora não fala com os bombeiros?

Só que os chamados valorosos homens de fogo não estão dispostos a apagar esse tipo de incêndio. Um bombeiro irritado pergunta: "Dona Rosinha não percebe que eles não podem cair no ridículo, correndo atrás de um macaco, diante de toda a imprensa?" E diz que, se ela trancar o bicho, eles vão buscar. Se não, nada feito. E o bicho continua solto, derrubando coisas e quebrando os refletores do teatro. A conversa termina com outra sugestão: ligar para o Ibama.

Bem, mas no Ibama, um zeloso defensor do meio ambiente argumenta: eles fazem campanha em favor de animais ameaçados de extinção, não apanham macacos. Será que a diretora da Oficina

Cultural não teria melhor sorte com a Sociedade Protetora dos Animais? Acontece que os protetores dos animais não incluem a captura de macacos soltos entre os artigos e parágrafos de seu estatuto. Se o bichinho estivesse correndo risco de vida, podiam protestar e denunciar o descaso das autoridades, mas assim... Que tal tentar o Zoológico?

Mais do que depressa, dona Rosinha acata a sugestão, certa de que, finalmente, o macaco vai encontrar um lar. Ilusão. O pessoal do Zoológico deixa claro: *depois* de capturado, o bicho até poderia ser levado para lá. Capturar macacos não está nos planos do Zôo. O Parque Ecológico do Tietê, quem sabe, enfrentaria a parada.

O parque mostra ser ecológico no nome, não na função. E indica a Polícia Florestal para prender o macaco. Ali, para alegria de dona Rosinha, alguém finalmente pede endereço e outros detalhes do caso. Sim, eles iriam até lá... dentro de, no máximo, 30 dias. Dona Rosinha pergunta se a regra valeria caso se tratasse de uma onça, que no intervalo determinado pela burocracia comeria, não um, mas todos os seus funcionários, mas não comove seu interlocutor.

Nada como uma instituição de palavra. Menos de 30 dias depois — dona Rosinha não lembra, mas acha que foram 22 dias — chega o carro da Polícia Florestal à Oficina Cultural do Brás. O macaco, infelizmente, não esperou. Fugiu alguns dias depois de ter ocupado o teatro, sem dizer para onde ia. Na saída, saltou sobre um fio de alta-tensão e queimou as mãos. E acabou-se a história, que é rigorosamente verdadeira.

Mais do que real, a historinha é emblemática, como diria um velho jornalista, acostumado a tempos em que os macacos não invadiam apenas teatros. Temos um macaco à solta no Brasil, quebrando tudo. Ele pode ter o nome de crise, recessão, hiperinflação, desordem, incerteza, pouco importa. Todo mundo sabe que um macaco solto faz o maior estrago. Mas ninguém se dispõe a pegá-lo. Portanto, é torcer para esse macaco ir embora por vontade própria.